

obtenção do grau de bacharel em Ciências Sociais Universidade Federal da Paraíba Campus Campina Grande).

SOARES, Luiz Eduardo (1993) *A guerra dos pentecostais contra os afro-brasileiros: dimensão democráticas do conflito religioso no Brasil*. Comunicações do ISER 44: (43-50).

SOUZA, B. M. (1969) *A Experiência da Salvação*. São Paulo: Duas Cidades

WEBER, Max(1972) *The Sociology of Religion*. Boston: Beacon  
WILLEMS, E. (1967) *Followers of a New Faith*. Nashville: Vanderblit University Press.

Cecília Loreto Mariz é Doutorada em Sociologia e Cultura da Religião na Universidade de Boston e Professora de Sociologia na UF e UERJ.  
End.: Rua General Polidoro, 177/301  
22280-000 São Paulo - SP

## PENTECOSTALISMO: PERSPECTIVAS PSICOLÓGICAS

Prof. Zenon Lotufo Jr.

Creio que vale a pena, ao abordar o pentecostalismo, buscar, com o auxílio da psicologia, a resposta a duas questões: 1) Como compreender as manifestações características do pentecostalismo e seus aspectos positivos e negativos? 2) Qual o papel das emoções na vida espiritual?

Convém ter em mente, antes de mais nada, que uma explicação psicológica para um fenômeno não implica, o que seria um reducionismo, em negar seu possível sentido espiritual. Tomemos, por exemplo, a questão da cura. Demonstrar o mecanismo sugestivo que pode levar o indivíduo a recobrar a saúde, não exclui, necessariamente, a participação de uma dimensão espiritual. Viktor Frankl, psiquiatra vienense, criador da Logoterapia, recorre a uma analogia que nos ajuda a perceber o ponto. Discutindo a tendência atual das ciências de reduzir o ser humano a uma única dimensão, lembra ele que aspectos aparentemente inconciliáveis, se considerados apenas em uma dimensão, podem ser compatibilizados se recorremos a outras dimensões. Graficamente, se projetamos a imagem de um cilindro sobre uma parede, ela terá a forma de um retângulo, ao passo

que, projetada sobre o solo, ali aparecerá como um círculo. Mas o objeto, propriamente dito, só poderá ser compreendido se considerado em suas três dimensões. Citando Frankl: "Assim, no âmbito de cada uma das abordagens científicas, nós lidamos com a diversidade mas perdemos a unidade do homem, porque esta unidade é acessível somente na dimensão humana. Apenas na dimensão humana tem lugar aquela *unitas multiplex*, como o homem foi definido por Tomás de Aquino. Esta unidade não é uma unidade na diversidade mas, ao contrário, uma unidade apesar da diversidade". ("Um Sentido para a Vida", Ed. Santuário, Aparecida, 1989).

Quaisquer que sejam os critérios que utilizemos para avaliar manifestações religiosas - e eles são, evidentemente, necessários - não podem conduzir a dar a questão por encerrada no momento em que se detectou, subjacente, um processo biológico, psicológico ou social.

Por outro lado, a total ausência de preocupação crítica com relação a tais manifestações pode levar a conseqüências bastante negativas, às quais me referirei brevemente mais abaixo.

Onde buscar, portanto, parâmetros para validar determinadas manifestações, distinguindo-as das que se podem classificar como destituídas de qualquer caráter espiritual, quando não claramente patológicas? Creio que a resposta nos dá o próprio Mestre ao ensinar "Pelos frutos os conhecereis" (Mat. 7:16). Ou seja, qualquer que seja a manifestação, não pode ser avaliada por sua expressão imediata mas, tão somente, levando em conta suas conseqüências para a vida do indivíduo, da comunidade e da sociedade como um todo. As características do "fruto do Espírito", por sua vez, são relacionadas pelo apóstolo Paulo em Gál. 5: 22 e 23 (amor, alegria, paz, paciência, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio). Essas qualidades, outrossim, coadunam-se com critérios de saúde mental tão somente psicológicos, principalmente aqueles propostos por autores como Abraham Maslow ("Introdução à Psicologia do Ser") ou Carl Rogers ("Tornar-se Pessoa"), representantes da chamada Psicologia Humanista.

Com isso tudo em mente, examinemos alguns fenômenos que, tidos pelos pentecostais como evidência inequívoca de manifestação divina, *podem* ter um caráter meramente humano e acarretar prejuízos ao indivíduo e à comunidade.

Os fenômenos de sugestão e, sobretudo, de sugestão de massas são a meu ver os que mais de perto merecem atenção, na medida em que sua interpretação distorcida pode levar a problemas de certa gravidade. (Por isso incluímos esse item no currículo de um curso de Psicologia para Pastores que o Corpo de Psicólogos e Psiquiatras Cristãos vem ministrando há cinco anos). Em outro local ("O Potencial Humano", Ed. Martin Claret, 1995), tratei dos fenômenos sugestivos, procurando demonstrar que, diferentemente do que em geral se acredita, fazem parte essencial dos processos mentais do dia-a-dia. Sugestão não é sinônimo de engano ou alucinação mas, sim, o processo pelo qual um conhecimento torna-se uma crença (torna-se "dinamogênico", para usar uma expressão de William James; pois, como dizia Ortega y Gasset, há idéias que nós temos e outras que nos têm). Contudo, o processo sugestivo pode transcender na ausência dos "filtros" que a razão normalmente lhe antepõem e, nesse caso, o indivíduo fica à mercê de quanto se lhe queira incutir na cabeça, tornando-se, então, vítima de enganos e alucinações. É o que ocorre, por exemplo, na hipnose.

Há várias situações em que esses filtros racionais são desativados ou debilitados, mas poucas se comparam com aquelas em que a pessoa está em meio a um grupo

ou a uma multidão. Mais ainda, se se junta à mistura ingredientes como certos tipos de sons (músicas, cantos, batuque), *stress* físico e/ou mental, além de fatores crônicos ou situacionais que tornam vulnerável a personalidade.

O psiquiatra inglês William Sargant escreveu um livro bastante interessante a respeito do fenômeno: "A Possessão da Mente. Uma Fisiologia da Posseção, do Misticismo e da Cura pela Fé" (Ed. Imago, Rio de Janeiro, 1975), infelizmente, há tempos esgotado. Podemos discordar de muitas de suas conclusões, mas sua leitura é bastante útil para compreender os aspectos psicológicos e psiquiátricos das manifestações focalizadas. Para se ter uma idéia do poder desses fatores ambientais, vale a pena mencionar uma experiência pessoal de Sargant: em suas pesquisas conseguiu convite para participar do culto de uma seita norte-americana cujos fiéis se destacam por segurar serpentes venenosas. Relata Sargant que, em meio à excitação produzida pelo ruído, pelo entusiasmo e pela exaltação do grupo, deu-se conta de que seu "discernimento pessoal às vezes fraquejava", tendo-se sentido fortemente inclinado a, mesmo sem ser crente, segurar uma das cobras.

O quanto o discernimento pode ser afetado em situações como essas, em especial quando um há-

bil manipulador está à frente, é exemplificado pela passagem que transcrevo, do célebre mitólogo Joseph Campbell:

"Tenho alguns amigos alemães que estiveram em campo de concentração e, quando Hitler ia fazer um discurso perto do local em que eles estavam, eram conduzidos para lá e obrigados a demonstrar atenção. Pois um deles me contou que tinha de fazer força para não levantar o braço e gritar *Heil!*" (em P. Cousineau "A Jornada do Herói", Ed. Saraiva, S. Paulo, 1994).

É possível que fatores sugestivos estejam presentes na maioria das manifestações tipicamente pentecostais e essa opinião não é nova, a julgar pelo relato que C. Salive D'Epinay faz das reações ao surgimento do pentecostalismo no Chile ("O Refúgio das Massas". Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1970)]. Não tenho dúvida, por outro lado, de que, em meio a esse ambiente profundamente emocional, no qual a sugestibilidade torna-se exacerbada, pessoas tenham sido curadas de enfermidades graves e visto suas vidas passarem por profundas transformações através da conversão. A questão, então, é a seguinte: é possível conservar os aspectos positivos, salutares, do emocionalismo pentecostal e evitar, ao mesmo tempo, seus excessos e desvios?

Acredito que sim e que tal resposta já foi encontrada por certo número de comunidades pentecostais.

Uma analogia com o amor romântico pode nos ajudar a situar melhor o ponto. Sem um intenso elemento emocional, a vida amorosa perderia muito do seu encanto; mas se esse elemento se tornar hegemônico, em prejuízo de fatores cognitivos e volitivos como a compreensão mútua e a determinação de manter e enriquecer o relacionamento, este terá, com certeza, vida curta. Diversos pensadores contemporâneos, como Erich Fromm em "A Arte de Amar", Rollo May em "Amor e Vontade, de forma especial, Denis de Rougemont em "O Amor e o Ocidente" e no ensaio "A Crise do Matrimônio Moderno", chamaram a atenção para a insensatez de confundir o "verdadeiro amor", fundado na razão e no compromisso voluntário, com a paixão romântica, efêmera por sua própria natureza. "A paixão - escreve de Rougemont - penetra a nossa história como um vôo através da beleza e do amor infinitos, mas às

expensas do amor verdadeiro em si mesmo. Ao mesmo tempo que exalta, deprime as suas vítimas; criou para a humanidade toda uma literatura às custas de uma certa moralidade; e nos dias de hoje, em sua forma popular, benigna e adocicada, influi sobre milhões de casamentos, aos quais, em virtude de sua própria natureza, logo destruirá" (ensaio citado, em A. M. Krich (org.) "Anatomia do Amor", Ed. Bruguera, Rio de Janeiro, s/d).

O que é que todos esses autores estão dizendo? Que a emoção, subordinada à razão, pode ser algo extremamente valioso na vida; contudo, se colocada como prioridade, tornar-se-á destrutiva. Afirmção que vale para a esfera religiosa tanto quanto para a área conjugal.

E, com isso, acredito, está respondida também a segunda das questões acima.

Zenon Lotufo Jr. é Pastor da IPI, Pós Graduado em Ciências Sociais e Professor de Recursos Humanos e Relações Humanas na PUC.

End.: Rua Juazeiro, 178  
01253-030 São Paulo - SP

## PENTECOSTALISMO E QUESTÕES TEOLÓGICAS

Rev. Rui Josgrilberg

### OBSERVAÇÕES PRELIMINARES

As considerações que se seguem são o resultado de uma comunicação oral durante o simpósio sobre o pentecostalismo promovido pelo Conic, Mofic e outras entidades ecumênicas, em agosto de 1995. Praticamente reproduzimos a comunicação feita. A idéia não foi a de uma reflexão teológica exaurida nas fontes mais autorizadas, mas a de o testemunho de uma pessoa envolvida com a reflexão teológica que manifesta suas reações e opiniões espontâneas como leitor preocupado com o tema. Por outro lado, essas fontes de caráter propriamente teológico não são muito abundantes. Extranhamente não tem havido um esforço, proporcional à magnitude social do fenômeno pentecostal, no sentido de entendê-lo como uma expressão de fé e do cristianismo necessitando ser iluminado pela razão teológica, não menos que outros temas ou questões teológicas contemporâneas. Trata-se de um assunto sobre o qual pouca coisa se produziu em termos de teologia, a maioria dos trabalhos tratando de desenvolver a perspectiva das ciências sociais. O tema sob o ponto de vista teológico na academia sofre ainda de dificuldades e

preconceitos, carece de melhor estruturação, de melhor elaboração conceitual e de uma definição a respeito da natureza da linguagem e do discurso utilizado nas expressões de fé e nas doutrinas pentecostais. Porém, não sendo especialista das ciências sociais, e mesmo não dispondo de uma bibliografia teológica alentada sobre o assunto, não podemos deixar de reconhecer algumas perplexidades como leitor. E falando apenas como leitor perplexo vou me permitir algumas provocações. Mesmo tratando de algumas implicações histórico-sociais quanto às origens do pentecostalismo, nosso foco de atenção estará mais voltado para os fundamentos teológicos do mesmo.

Um fenômeno religioso como o pentecostal tem atraído estudiosos de todas as áreas de pesquisa em ciências humanas. É um dos temas mais pesquisados nos cursos de pós-graduação em áreas de correlação entre teologia e sociologia, ciências sociais e religião, comportamento religioso e psicologia, etc. Apesar dos tremendos avanços e o impressionante número de títulos sobre o assunto (em 1987 um pesquisador norte-americano listou, não exaustivamente, mais de dez mil títulos!), não são poucas as